

## Caminhando para as periferias

Milhões de brasileiros ainda vivem na linha de pobreza e têm renda familiar equivalente a R\$ 387,07, segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2017 (SIS 2017). Essa realidade também está presente nas cidades que fazem parte do território arquidiocesano. A 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral elegeu a pobreza como periferia para ser trabalhada em 2018. Essa proposta será uma forma de concretizar o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020), além de trabalhar quem é o pobre e onde está a pobreza na perspectiva sociológica, bíblica e teológica.

Páginas 6 e 7



REPRODUÇÃO

### Museu Rural

Um museu que preserva a história e a essência da vida do campo. Em Santana dos Montes, na Região Pastoral Mariana Oeste, o Museu Latino-Americano de Tecnologia Rural guarda mais de 300 peças, contando como era a vida no campo no século XIX e começo do XX, em nove países.

Página 12



BRUNA SUDÁRIO

### Violência

A Campanha da Fraternidade 2018 tem como tema “Fraternidade e superação da violência” e lema “Vós sois todos irmãos”. Para aprofundar este assunto, o Pastoral entrevistou Antonio Evangelista, membro da Equipe Nacional da CF.

Página 3

A Arquidiocese de Mariana, através de sua última assembleia, definiu para o ano de 2018 o tema da POBREZA para ser desenvolvido, priorizado e buscado como ação pastoral de transformação. Os pobres são os que mais sofrem com a violência em todos os sentidos, porque são a maioria da população. Aumenta, cada vez mais, o número dos pobres a quem se pode dar o nome de excluídos, carentes, padecidos, esquecidos, desprezados, famintos, marginalizados, invisíveis etc.

Ser pobre, no sentido amplo e excludente, não é fácil neste país e no mundo. Hoje somam-se aos milhões aqueles que não têm o prato de comida dentro de casa; vivem com renda per capita mínima; não conseguem entrar nos planos emergenciais da sobrevivência; não têm planos de saúde e dependem do Sistema Único de Saúde, este agredido pela corrupção sistêmica; também as múltiplas populações de famigerados e abandonados por seus países e nações. O Papa Francisco considera a corrupção e o egoísmo como causas do sofrimento aos pobres e refugiados do mundo afora.

Não falta dinheiro, lembrava Dom Luciano, nem as condições econômicas e possíveis de resolução da fome e da miséria. Mas é gritante o clamor dos pobres pela sobrevivência e um lugar ao sol.

Vale um parágrafo sobre os homicídios acarretados pelas drogas e pela violência concomitante. O tráfico de drogas é a principal causa da violência no país, segundo os estudos e estatísticas. Direta ou indiretamente, o homicídio está ligado ao comércio de drogas. Mata-se por questões econômicas e por motivos banais. Os cárceres estão superlotados e a periferia e áreas desurbanizadas mais reféns da criminalidade e bandidagem. As polícias militares e civil também reclamam mais investimento em segurança. É uma batalha sem fim.

Os que mais padecem são a maioria desassistida pelos programas governamentais que se acovardam diante da macroeconomia e suas reformas nada complacentes com os pobres; tudo isso somado à convivência da mídia.

A violência cresce também na relação dos povos e seus interesses macroeconômicos. O Papa Francisco alerta sobre o perigo da guerra nuclear por causa da inconsciência humana. Na falta de respeito e diálogo aumentam as possibilidades bélicas que levam à morte e insegurança de todos. A ingerência de nações ricas nas economias dos países pobres fragilizam a sobrevivência dos mais necessitados. Desde as colonizações, sofrem os empobrecidos pela exploração indevida e indiscriminada dos recursos minerais e naturais.

A pobreza exige atenção, ação e projeto de vida socioeconômico e pastoral - espiritual. A Igreja mantém sua opção pelos pobres e pelo Reino da justiça e da Paz. Deles é o Reino dos Céus!

REPRODUÇÃO



Beata Irmã Dulce, conhecida como Bem-aventurada Dulce dos Pobres.



## Ano do Laicato V

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

O decreto do Concílio Vaticano II sobre a atuação dos leigos e leigas continua de grande atualidade e nos oferece preciosos ensinamentos que nos permitem aprofundar nossa reflexão neste Ano do Laicato. O Vaticano II volta-se com muito empenho para os cristãos leigos pois eles têm funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja. Com efeito, a missão dos leigos e leigas, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa a atividade dos leigos e leigas no começo da Igreja. Os nossos tempos exigem deles um apostolado cada vez mais intenso e mais amplo. Com efeito, o aumento crescente da população, o progresso da ciência e da técnica, as relações mais estreitas entre as pessoas, não só dilataram imensamente os campos de atuação do laicato, mas também suscitaram novos problemas que reclamam o seu interesse e o seu esforço. Este apostolado torna-se mais urgente diante da falsa autonomia de muitos setores da vida humana que inclusive tem levado ao afastamento da ordem ética e religiosa, com grave perigo para a vida cristã. Além disso, a Igreja dificilmente poderia estar presente e ativa no mundo sem o trabalho dos leigos e leigas. É a ação do Espírito Santo que torna os leigos cada vez mais conscientes da própria responsabilidade e por toda a parte os anima para o serviço de Cristo e da Igreja (cfr. AA, 1).

Ao falar da participação dos leigos na missão da Igreja, o Vaticano II recorda que a Igreja nasceu para tornar todos os seres humanos participantes da redenção salvadora e, por eles, ordenar efetivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu reino para glória de Deus Pai. A Igreja exerce sua missão de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros. "Do mesmo modo que num corpo vivo nenhum membro tem um papel meramente

passivo, mas antes, juntamente com a vida do corpo, também participa na sua atividade, assim também no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo «cresce segundo a operação harmoniosa de cada um dos seus membros» (Ef. 4, 16). Mais ainda: neste corpo a conexão e coesão dos membros é tão grande que se deve dizer que não aproveita nem à Igreja nem a si mesmo aquele membro que não trabalhar para o crescimento do corpo, segundo a própria capacidade.

Existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão. As funções são muitas, mas a missão é a mesma. Aos Apóstolos e seus sucessores, Cristo confiou a missão de ensinar, santificar e governar em seu nome e com o seu poder. Mas os leigos e leigas, dado que são participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a desempenhar na missão de todo o Povo de Deus, na Igreja e no mundo. Com sua atividade, os leigos exercem a missão de evangelizar e santificar os seres humanos e impregnar e aperfeiçoar a ordem temporal com o espírito do Evangelho. Deste modo, sua atividade dá testemunho de Cristo e contribui para a salvação da humanidade. E sendo próprio dos leigos e leigas viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, serem fermento na massa, sal da terra e luz do mundo (Cf. AA 2).

Inseridos pelo Batismo no Corpo místico de Cristo, robustecidos pela Confirmação com a força do Espírito Santo e nutridos na Eucaristia com o Corpo e Sangue do Senhor, os cristãos leigos e leigas têm o dever e o direito de exercer sua missão na Igreja e no mundo. Com efeito, eles são consagrados em ordem a um sacerdócio real e a fazer parte do povo santo de Deus (cfr. 1 Ped. 2, 4-10). Assim, todas as suas atividades se tornam oblações espirituais e por toda a terra dão o testemunho de Cristo. (Cf. AA 3).

### Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas, Agência: 1701 - Conta: 583-3 Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para [assinaturaspastoral@gmail.com](mailto:assinaturaspastoral@gmail.com)

Valor da assinatura: **R\$ 25,00** anual (12 exemplares)

### PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG  
Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.  
Tel.: (31) 3557 3167  
Email: [jornalpastoral@yahoo.com.br](mailto:jornalpastoral@yahoo.com.br)  
Diretor: Pe. Wander Torres Costa  
Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP  
Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles.  
Dacom: Jornalista - Bruna Sudário  
Diagramação: Gabriela Santos/DACOM  
Colaboração: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 - São José; CEP 35420-000 - Mariana - MG.  
Tiragem: 3.000 exemplares.

# Violência: em busca da superação

Na edição de janeiro, o Pastoral trouxe uma reportagem em que apresentou a Campanha da Fraternidade 2018, que tem como objetivo constituir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência. Para aprofundar esse tema, o Pastoral de fevereiro conversou com o secretário executivo da Campanha da Fraternidade, do Regional Sul 1 (Estado de São Paulo), Antonio Evangelista, psicólogo pós-graduado em fé e política.



ARQUIVO PESSOAL

**JORNAL PASTORAL: Como você analisa a violência no Brasil? Há no país uma forte cultura da violência?**

**ANTONIO EVANGELISTA:** Quando olhamos para a história brasileira e para as situações e comportamentos violentos, para além de seus "sintomas", percebemos que a violência no Brasil é uma construção social. De maneira geral, sua prática legítima poder ao agressor. Assim, o sofrimento e o medo causado pela prática física, verbal, psicológica ou social da violência, faz com que suas vítimas permaneçam submissas ao agressor.

A naturalização dos processos de violência faz com que muitas de suas vítimas não percebam que estão sofrendo violência. Ela, ao ser naturalizada, além de facilitar o desenvolvimento da cultura de violência que se mantém como mecanismo de "controle social", possibilita a coisificação do ser humano. Por esta razão e também pelo comportamento do poder do sistema midiático, que nos direciona ao "sintoma" e não às causas da violência, ela continua a se perpetuar na história brasileira. O sangue daqueles e daquelas que diante de uma sociedade de desiguais ousaram gritar por igualdade continua sendo derramado em nossa sociedade. Ele corre à frente, permeando grupos minoritários de nossos tempos. Este sangue derramado nos possibilita identificar que a desigualdade social permanece entre as principais causas da violência no Brasil.

**JORNAL PASTORAL: A desigualdade social, a injustiça e a exclusão são fatores que geram múltiplas formas de violência?**

**ANTONIO EVANGELISTA:** Sim, esses fatores se consolidam em atitudes e situações de violência. Nelas a grande mídia pega "carona" e potencializa para que as próprias vítimas sejam culpabilizadas. Ela também facilita a compreensão popular para que os "culpados" sejam banidos de seus territórios. Este comportamento social e midiático dificulta a vivência do Evangelho que afirma: "Vós sois todos irmãos". Por isso, a Campanha da Fraternidade deste ano nos convida a agir entre estas causas que geram as múltiplas formas de violência.

A paz compreendida como fruto da justiça exige comportamento e atitudes sociais das pessoas e principalmente dos cristãos para além do voto. A superação da violência e, consequentemente, a cultura da paz só serão possíveis com a efetiva participação das pessoas na política. Contudo, é extremamente importante que as nossas práticas

pastorais e catequéticas contribuam para a cultura da paz, que deve ser construída paulatinamente, a começar pela dinâmica da família. Vale lembrar que a desigualdade, a injustiça e a exclusão, além de se manifestarem em comportamentos de violência, produzem o sofrimento humano. Ele é um tipo de dor tão intensa que supera a dor física.

**JORNAL PASTORAL: Jovens, negros e mulheres estão entre as principais vítimas de violência no país. Quais fatores contribuem para essa realidade?**

**ANTONIO EVANGELISTA:** A falta de políticas públicas que assegure o direito à moradia, trabalho, cultura, educação, entre outras, está entre os fatores que contribuem para esta triste realidade. O encarceramento e o extermínio, principalmente da juventude negra, que responde com suas vidas a essa triste "herança" de negação de direitos, são um dos principais fatores que gera a violência em nossa sociedade.

Nossa juventude está sendo dizimada com o encarceramento e pelo aparato de segurança de nosso país, que acredita que o combate à violência pode ser enfrentado com mais violência. A mulher, por continuar sendo "compreendida" como objeto, continua sendo "mantida" em condição de submissão, não bastante, ela passou a fazer parte do rentável mercado do tráfico e da exploração sexual contra a mulher. Portanto, essa dura realidade da violência que envolve os jovens e as mulheres, coloca-os, em extrema situação de vulnerabilidade social.

A ausência de investimento em educação e cultura é o fator gerador e mantenedor da violência. Contudo, se não nos convertemos aos apelos do Evangelho de que "somos todos irmãos", mesmo que tenhamos outros avanços sociais, estará prejudicada a missão confiada pelo criador a todos nós. Sem conversão pessoal não há superação da violência.

**JORNAL PASTORAL: Como o Estatuto da Criança e do Adolescente e leis como Maria da Penha podem auxiliar no combate e na prevenção da violência no país?**

**ANTONIO EVANGELISTA:** Tanto o ECA, quanto a Lei Maria da Penha, são políticas públicas que possibilitam o enfrentamento da violência contra a criança, adolescente e a mulher. Contudo, considerando que grande parte da sociedade brasileira ignora a criança como um agente de direito, a efetiva prática dessas políticas depende

de cada um de nós.

A violência doméstica contra a mulher, ocupa os primeiros lugares nas estatísticas de violência dos municípios brasileiros. Com a Lei Maria da Penha tivemos uma pequena redução, mas pelo caráter punitivo da Lei e não pela conscientização de que somos todos iguais. Desta forma, mesmo ela significando um relativo avanço em termos de legislação, a violência contra a mulher só vai diminuir com o controle social e a efetiva aplicação da Lei. A prevenção continua sendo o melhor caminho para a superação e ele pode ser exercitado se assumido pelas pastorais sociais e organismos de nossa Igreja. Rodas de conversas envolvendo os Conselhos Paritários de Direito, também são possibilidades de avanço em relação à prevenção da violência em nossa sociedade. Por fim, precisamos lembrar que a nossa fé e o profetismo, inerente a todos os batizados, também são indicativos para superação da violência, principalmente porque é comum ouvirmos calados críticas em relação ao ECA e à violência contra a mulher.

**JORNAL PASTORAL: Quais caminhos podemos trilhar para superar a violência no Brasil?**

**ANTONIO EVANGELISTA:** Considerando que o modelo de sociedade em que vivemos preciniza o mercado e a individualidade da pessoa humana, precisamos fazer entrar no debate das políticas públicas a dimensão da solidariedade como um dos elementos de controle social. Outra possibilidade de superação da violência, e talvez o principal caminho a ser trilhado, é a conversão social e pessoal de que a violência é uma construção social e, por isso, pode ser desconstruída.

Sem conversão, mesmo com conhecimento de causa, é possível que permaneçamos sem ação diante dos "sintomas" ou reagimos a eles potencializando a própria vítima, como culpada pela violência sofrida. Sem conversão pessoal e social de que o outro, imagem e semelhança de Deus, também é meu irmão, podemos permanecer na superficialidade dos sintomas sem ir às suas causas.

Em um segundo momento, precisamos enfrentar e atuar na perspectiva de superação da violência nas instituições familiares, pois é neste espaço/instituição que aprendemos e aplicamos o aprendizado religioso e social. Portanto, o "espaço" familiar é um dos locais mais apropriados para o desenvolvimento de habilidades que venham a compor com a personalidade humana, como o amor.

## Arquidiocese é representada em 14º Intereclesial da CEBs

Há 43 anos percorrendo o Brasil, o trem das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) chegou pela primeira vez ao Paraná, em Londrina, no 14º Intereclesial das CEBs. Entre os dias 23 a 27 de janeiro, cerca de 3300 pessoas tiveram a oportunidade de dialogar com a família, a comunidade, a diocese e todos que puderam ser mobilizados. A arquidiocese de Mariana se fez presente com cinco delegados.

O Intereclesial teve como tema “As CEBs e os desafios no mundo urbano” e lema “Eu vi, ouvi os clamores do meu povo e descí para libertá-lo” (Êxodo, 3:7). Refletir sobre os problemas do mundo atual e estudar soluções para enfrentar essas dificuldades foi o objetivo do evento, que teve 13 mini plenárias.

Segundo o representante da CEBs na arquidiocese, José Euzébio, os delegados de Mariana voltaram maravilhados com a organização e a be-



EDWARD GUIMARÃES

leza do encontro. “Participamos de todos os momentos. Da celebração de abertura, do momento com os assessores, que nos provocava com suas ricas falas antes das mini plenárias, da celebração da palavra e da partilha e convivência com a comunidade paroquial. A experiência foi enriquecedora. Ali nos grupos, trocamos experiências com pessoas de todas as regiões do Brasil. Esses dias foram momentos de conhecer e apresentar nossas culturas, nossas realidades e buscar juntos soluções para os desafios que nos afligem. Esperamos voltar para nossas comuni-

dades com uma boa bagagem e assim poder animar nossas comunidade”, disse José Euzébio.

Durante o encontro, os participantes foram acolhidos em casas das famílias das cidades da arquidiocese de Londrina. A delegação de Minas Gerais foi acolhida na cidade de Ibioporã. No dia 27 de janeiro, conforme programação do encontro, o grupo se reuniu para refletir e discutir sobre a melhor forma de fortalecer a organização das CEBs e de como encaminhar os direitos à cidade na sua região. Este momento contou com a presença de Dom Paulo Peixoto,

arcebispo de Uberaba, Dom Darci Nicoli, arcebispo de Diamantina, assessores de CEBs, padre Manoel Godoy, padre Nelito Nonato e o pároco da paróquia Nossa Senhora da Paz, André Luiz, além dos coordenadores das regiões e delegados participantes do 14º Intereclesial das CEBs

Ao final do encontro, foi divulgado que a cidade de Rondonópolis, no estado de Mato Grosso, Regional Oeste II, vai sediar o 15º Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em 2022.

Uma carta reafirmando o compromisso da CEBs de ser uma Igreja da escuta e do diálogo também foi publicada. No documento foram assumidos os compromissos de promover a cultura da vida, de tornar-se a Igreja uma comunidade em redes, de apoiar o protagonismo dos jovens, entre outros. Leia a carta na íntegra no site da arquidiocese.

## Faculdade Dom Luciano abre novos cursos de pós-graduação

A Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM), em Mariana, lança dois novos cursos de pós-graduação presenciais: “Comunicação, Igreja e Sociedade” e “Gestão de Projetos Sociais e Organizações do Terceiro Setor”.

Com o início das aulas em março, a FDLM escolheu temas que estão em alta no mercado e elegeram um time de professores experientes, capazes

de direcionar os conteúdos de forma didática e prática. “Entendemos nossa missão na formação humana e acreditamos que a sociedade anseia por uma transformação baseada na ética e no profissionalismo. Com esse propósito, nossos novos cursos de pós-graduação irão oferecer uma formação sólida e diferenciada, ao mesmo tempo em que serão capazes de qualificar, com excelência, pro-

fissionais que querem se atualizar e se tornarem mais competitivos no atual mercado de trabalho”, explicou o diretor geral da Faculdade, padre Vander Sebastião.

A especialização “Comunicação, Igreja e Sociedade”, visa trazer o embasamento teórico e prático da comunicação social e sua relação com a mass mídia, com a sociedade pós-moderna e sua interface com

a evangelização cristã. O curso de “Gestão de Projetos Sociais e Organizações do Terceiro Setor” tem por objetivo aproximar a teoria da prática de gestão, nas organizações do terceiro setor e em projetos sociais.

Para mais informações sobre os novos cursos acesse o site [www.faculadedomluciano.com.br](http://www.faculadedomluciano.com.br) ou entre em contato pelo telefones (31) 3558-1439 ou (31) 98303-4614.

## Superar a violência

A Campanha da Fraternidade deste ano traz um tema que nos desafia a todos: a superação da violência. Para atingir esse objetivo, a Igreja aposta na construção da fraternidade pelo triplice caminho da cultura da paz, da reconciliação e da justiça. Trata-se de um caminho exigente, considerando o nível atingido pela violência e a tendência sempre crescente de combatê-la por meio do ódio e da vingança.

É preciso reafirmar, como nos lembra o Texto Base da Campanha da Fraternidade, que “a violência não é um caso apenas reservado ao tratamento policial, à lei, mas é uma questão social que requer a atenção e a participação de toda sociedade para ser enfrentada”. Por isso, também a Igreja, através das comunidades, das equipes pastorais e dos vários serviços de evangelização, tem grande responsabilidade na tarefa de desenvolver ações que erradiquem a violência que gera medo, insegurança e sofrimento.

Quando falamos de violência, contudo, deve-

mos alargar nosso olhar e nossa reflexão, evitando reducionismos quanto ao seu significado e alcance. Da mesma forma, não podem ficar fora do debate suas causas e raízes, se quisermos realmente estabelecer estratégias para sua superação.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, “a violência se caracteriza pelo uso intencional da força contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo de pessoas. Essa violência pode resultar em dano físico, sexual, psicológico ou morte”. Essa definição nos faz perceber, portanto, que a violência vai além daquela que entra todos os dias em nossas casas, como um tsunami, pelos meios de comunicação, especialmente, a televisão e a internet.

Há uma tendência em reduzir a violência às estatísticas dos homicídios que, de fato, são estarrecedoras (61,6 mil em 2016, de acordo com o Anuário Brasileiro da Segurança Pública), ao trânsito que mata mais de 40 mil por ano ou a outras agressões físicas selecionadas pela mídia. Com isso, ocultam-se outras

formas de violência tão presentes no nosso cotidiano como a psicológica, a doméstica, contra mulheres, idosos, jovens e crianças.

Como cristãos somos movidos pela força do Evangelho que nos ensina a vencer todo ato de violência com amor e perdão. Só seremos capazes de praticar essas virtudes quando enxergamos o outro como irmão e não como um estranho, um concorrente, a quem se busca eliminar a todo custo como se ele fosse uma ameaça.

Fazer da não violência nosso ideal de vida implica um caminho de conversão radical em nossa forma de nos relacionar com os outros e com a natureza. Significa comprometer-nos com uma justiça que tenha como base e inspiração a misericórdia e o amor. Exige nosso engajamento na promoção e defesa dos direitos humanos e efetiva atuação na comunidade política, visando à sua transformação em busca do bem comum, afinal, somos todos irmãos!

Pe. Geraldo Martins  
Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

## Missão CADB-Sobriedade é realizada em Lamim



REPRODUÇÃO

Em sintonia com a Campanha da Fraternidade 2018, a paróquia do Divino Espírito Santo, em Lamim, na Região Pastoral Mariana Centro, acolheu a Missão Centro de Acolhimento Dom Bosco (CADB) e Pastoral da Sobriedade, entre os dias 21 a 28 de janeiro. Refletindo sobre o tema “Fraternidade e superação das dependências que geram violências” e lema “Este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado” (Lc. 15, 24), a iniciativa envolveu cerca de 50 missionários.

Promovida pelo CADB, em parceria com a Pastoral da Sobriedade, a missão teve o objetivo de levar uma mensagem de fé e esperança, aos dependentes químicos e seus familiares e informar onde estão os grupos de auto ajuda e de que forma poderiam participar.

O seminarista da Teologia e coordenador da Missão CADB Sobriedade, Ronaldo Furtado, explica que

a missão teve o objetivo de ajudar os dependentes de álcool, drogas e suas famílias.

“Nosso objetivo secundário é trabalhar a prevenção dos jovens e das crianças e encaminhar os dependentes de álcool e de drogas para uma casa de recuperação ou para um grupo de apoio da Pastoral da Sobriedade, do Centro de Acolhimento Dom Bosco ou da Fazenda da Esperança”, conta Ronaldo.

Para o pároco, padre Adelson Clemente, esta foi a oportunidade de apresentar à comunidade uma vida de equilíbrio.

“Para nós este é um momento muito bom, pois estamos tendo a oportunidade de trabalhar com os jovens e a comunidade de uma vida de equilíbrio. A sobriedade deve existir em tudo na vida e o nosso ponto de equilíbrio é na fé, em Jesus. Esta missão vai nos ajudar muito a oferecer as pessoas um caminho de equilíbrio. Para que as pessoas que estão no vício possam ser

ajudadas”, relata o padre.

Seminaristas, membros da Pastoral da Sobriedade, do Centro de Acolhimento Dom Bosco, da Fazenda Esperança, irmãs Passionistas e leigos da paróquia fizeram parte do grupo de missionários. Durante a semana, a programação contou com visitas, encontros com crianças, jovens e famílias, palestras, testemunhos, caminhada penitencial e momentos Marianos, missas, dentre outras atividades.

Para o seminarista, Geovane Macedo, a experiência foi maravilhosa. “Esta é a segunda vez que participo dessa missão e me sinto motivado a acreditar que é possível uma vida sóbria. Em cada visita, percebemos a acolhida e a simplicidade desse povo. As pessoas não estão só abrindo as casas para acolher os missionários, mas abrindo também as portas do coração para nos acolher e se alimentar da Palavra de Deus”, afirma.

## Campanha SOS Região Mariana Leste arrecada mais de 100 mil reais

Com o objetivo de ajudar as famílias que sofreram por causas das chuvas no início de dezembro de 2017, a campanha SOS Região Mariana Leste arrecadou R\$101.312,65 até o dia 23 de janeiro. Realizada pela Arquidiocese de Mariana e pela Caritas Arquidiocesana, a arrecadação foi feita em todas as comunidades e paróquias da arquidiocese nos dias 30 e 31 de

dezembro, além de ter servido como gesto concreto no encerramento da Novena de Natal.

Os municípios de Oratórios, Piedade de Ponte Nova, Ponte Nova (Ana Florência), Rio Casca, Santa Cruz do Escalvado, Santo Antônio do Gramma, São Pedro dos Ferros e Urucânia, todos situados na Região Pastoral Mariana Leste da arquidiocese, foram atingidos e mi-

lhares de pessoas perderam suas casas e seus pertences.

Os recursos serão utilizados nesses municípios atingidos e serão administrados pela Caritas Arquidiocesana em sintonia com as paróquias dos municípios que sofreram com as chuvas. Uma reunião para pensar na melhor forma de utilizar a verba será realizada junto as paróquias atingidas.

## GIRO RÁPIDO

### Semana Vocacional

A Semana Vocacional 2018 reuniu 42 jovens no Instituto de Filosofia, em Mariana, entre os dias 2 a 7 de janeiro. Vindos de todas as regiões da arquidiocese, o grupo foi formado por 18 candidatos ao Grupo de Orientação Vocacional (GOV) e 24 ao Propedêutico.

Organizada pelo Seminário São José, a iniciativa teve uma equipe de padres, seminaristas e psicólogos, onde os participantes tiveram a oportunidade de partilhar sobre suas vidas e discernir sobre a sua caminhada vocacional. Os aprovados na Semana Vocacional 2018 vão iniciar seu acompanhamento no GOV ou no Propedêutico em fevereiro.

### Seminário do Laicato

Na celebração do Ano Nacional do Laicato, a paróquia de Sant’Ana, em Carandaí, Região Pastoral Mariana Sul, vai acolher o Seminário Arquidiocesano do Laicato nos dias 9 a 11 de março. Refletindo o tema “Cristão Leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’ a serviço do Reino de Deus” e o lema “Sal da Terra e luz do mundo”, o encontro tem o objetivo de estimular a presença e atuação dos cristãos leigos e Leigas como verdadeiros sujeitos eclesiais, a serem sal da terra e luz do mundo na Igreja e na sociedade.

Voltado para coordenadores arquidiocesanos, regionais, forâneos das pastorais, dimensões, serviços, paróquias, leigos e leigas que atuam na defesa e promoção da vida, o seminário deve reunir cerca de 150 participantes. As inscrições podem ser feitas até o dia 28 de fevereiro. Os interessados devem procurar os Centros Regionais de Pastoral para fazer a sua inscrição, que tem uma taxa de R\$20,00.

### Encontro de Mulheres

Estão abertas as inscrições para o 4º Encontro Arquidiocesano de Mulheres. Realizada anualmente, a próxima edição será nos dias 2 e 3 de março no Colégio Arquidiocesano, em Ouro Preto, Região Pastoral Mariana Norte.

Com o objetivo de reunir as diversas forças femininas presentes na Arquidiocese de Mariana, o encontro terá como tema “Mulher: Sal e luz - agente de transformação” e pretende receber cerca de 250 participantes, representando as cinco regiões pastorais. Mesas de debate e oficinas vão compor a programação.

As inscrições custam R\$20,00 e podem ser realizadas nos Centros Regionais de Pastoral. Para mais informações sobre o 4º Encontro de Mulheres da Arquidiocese entre em contato pelo e-mail [spolitica@yahoo.com.br](mailto:spolitica@yahoo.com.br) ou pelo o telefone (31) 3557 1746.

### Ordenação Diaconal

A arquidiocese de Mariana vai realizar no 24 de fevereiro, às 10h, na Basílica São José em Barbacena, Região Pastoral Mariana Sul, a ordenação diaconal dos seminaristas Daniel Fernandes Moreira, Daniel Junior dos Santos, Fabiano Alves de Assis, Fabiano Milione Honório, Harley Carlos de Carvalho Lima, Jackson de Sousa Braga e Rosemar Marcos Condé. A celebração será presidida pelo arcebispo de Mariana Dom Geraldo Lyrio Rocha.

### Canto Litúrgico em Barão de Cocais

A paróquia São João Batista, de Barão de Cocais, região pastoral Mariana Norte, realizou o curso de canto litúrgico e pastoral nos dias 2, 3 e 4 de fevereiro. As aulas tinham o objetivo de ensaiar 60 músicas, quase todas inéditas, muitas delas ligadas ao tema da Campanha da Fraternidade 2018: “Fraternidade e superação da violência”. Além de ensaiar, os animadores de canto e instrumentistas da paróquia receberam orientações para atuar na celebração.



REPRODUÇÃO

## Um olhar para os mais pobres

*Discutir e buscar formas de diminuir a pobreza é um desafio atual e em sintonia com o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE 2016-2020)*

O desafio de diminuir a pobreza no Brasil continua urgente e atual. Cerca de 50 milhões de brasileiros, o equivalente a 25,4% da população, vivem na linha de pobreza e têm renda familiar equivalente a R\$ 387,07 – ou US\$ 5,5 por dia, valor adotado pelo Banco Mundial para definir se uma pessoa é pobre. Estes dados são da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais 2017 (SIS 2017), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgada em dezembro de 2017.

A pesquisa aponta, também, que o maior índice de pobreza se dá na Região Nordeste do país, onde 43,5% da população se enquadram nessa situação e, a menor, no Sul com 12,3%. Diferenças na região, gênero, raça e cor são alguns dos fatores que contribuem com a desigualdade no Brasil. Os dados mostram que as mulheres ganham, em geral, bem menos que os homens mesmo exercendo as mesmas funções. Já os trabalhadores pretos ou pardos respondem pelo maior número de desempregados, têm menor escolaridade, ganham menos, moram mal e começam a trabalhar bem mais cedo exatamente por ter menor nível de escolaridade. Mas essa diferença também é visível com crianças de 0 a 14 anos. Levadas em conta as estatísticas do IBGE, no país, 42% das crianças nesta faixa etária sobrevivem com apenas US\$ 5,5 por dia.

Mas a busca pela erradicação da pobreza tem sido debatida em vários setores. Assegurar condições para as pessoas viverem vidas plenas e se esforçar para a erradicação da pobreza é o eixo central da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), adotada por 193 países em 2015.

No Brasil os programas sociais dos governos dos últimos anos trouxeram significativa melhoria para inúmeras famílias. O Bolsa Família é um exemplo desta realidade. De acordo com a Caixa Econômica Federal, em todo

o Brasil, mais de 13,9 milhões de famílias são atendidas pelo programa.

### Na arquidiocese

Na arquidiocese, a pobreza será a grande periferia deste ano. Este tema foi eleito na 25ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, realizada em novembro de 2017. Essa proposta será uma forma de concretizar o Projeto Arquidiocesano de Pastoral (PAE 2016-2020).

Segundo o membro da equipe executiva do PAE, padre José Antônio Oliveira, é difícil dar uma resposta precisa sobre a pobreza na arquidiocese, porque a realidade está sempre mudando. “Tivemos um período, sobretudo com uma série de programas e iniciativas do Governo Lula, em que houve uma melhora acentuada. Alguém me dizia: ‘Todo domingo, quando terminava a missa das 8h30, a gente via uma fila enorme na sede dos vicentinos de pessoas buscando uma cesta básica. Agora, não

**“ Mas o certo é que são muitos os pobres e são muitos os tipos de pobreza**

se vê ninguém lá, mas a fila do açougue está enorme. De fato, com todos os limites e erros, a qualidade de vida dos pobres melhorou, inclusive com o acesso mais fácil à faculdade, aos cursos técnicos e aos meios de produção. Hoje estamos assistindo, indignados, um novo rumo no modo de governar, onde tudo é facilitado à elite econômica e política, enquanto

os trabalhadores e as camadas mais pobres são penalizadas e exploradas. Mas o certo é que são muitos os pobres e são muitos os tipos de pobreza. Teremos que nos debruçar sobre essa realidade, sobretudo pelas visitas, pelo contato pessoal, para conhecer melhor o quadro e descobrir quais são as periferias que exigem uma presença mais eficaz, mais profética e evangélica da Igreja”, explica.

Dados apresentados no texto do PAE apontam que dos 79 municípios presentes no território arquidiocesano, mais de 70 mil famílias recebem benefícios do Bolsa Família. Isso equivale a 29% da população da Arquidiocese, ou seja, aproximadamente, 343 mil pessoas (considerando uma média de 4,7 pessoas por família). O Projeto ressalta, também, que a realidade econômica da Arquidiocese de Mariana é marcada pela diversidade. Enquanto numa região prevalecem o turismo e o minério, em outras, predomina o trabalho rural, com ênfase na agricultura familiar, além da pecuária. O comércio é forte, sobretudo, em cidades polos. Em muitos lugares, a população depende do poder público para garantir sua sobrevivência. Poucos municípios abrigam usinas e empresas. Onde estas existem, a população convive com a exploração própria de quem dobra os joelhos diante desta economia excludente condenada pela Igreja. (Cf PAE nº 22).

Esta variedade econômica é bem visível na Região Oeste. Para o vigário episcopal, padre Geraldo Souza, é possível perceber uma minoria rica em seu regional. “Um bom grupo em situação confortável e os pobres que vivem pelas beiradas a protegerem estes grupos centrais. Mas estes pobres não têm um único rosto, porque as cidades não têm uma única vocação. Há cidades com vocação para a agricultura. Nelas encontramos os grandes produtores. Eles, ao mesmo tempo que sustentam os pobres com trabalho, fabricam pobres de ideal, submissos e sem perspectivas. Vivem para as perspectivas

de seus padrões. Outras cidades têm vocação para a agropecuária. Os agropecuaristas fabricam pobres que se anulam diante de um trabalho excessivamente esgotante, onde se vê cada vez mais a expansão e os altos investimentos acontecendo fora até do próprio município. As cidades maiores da região têm a vocação para mineração. Nestas os pobres são mais vistos porque ou se adaptam aos projetos das grandes empresas ali instaladas ou ficam fora de tudo, optando por viver das migalhas da rua. Portanto, quem é pobre parece estar destinado a manter ou até piorar sua situação. São sozinhos, lutam de forma isolada e sem perspectivas”, ressalta padre Souza.

Na Região Centro, os nove municípios, todos constituídos por comunidades rurais, vivem o atual fenômeno da urbanização que reflete na vida das pessoas. Segundo o vigário episcopal, padre José Geraldo de Oliveira, muitos vendem sua casa na roça e se mudam para a cidade, motivados pelas

mais diversas situações, entre elas a esperança de uma vida melhor. “A falta de apoio ao homem do campo, a falta de uma política agrária que permita produzir e se manter no campo, a tomada das terras para plantação de eucalipto e pasto para o gado, dentre outras. Atualmente, o que mais tem provocado o êxodo rural é o aumento considerável da violência nas comunidades rurais: assaltos, roubos a mão armada, latrocínios, tendo como motivação principal o tráfico e o consumo de drogas ilícitas. Nossas cidades não estão estruturadas para receber e dar condições de vida digna a tanta gente que sai das áreas rurais. O consumo de drogas ilícitas e o grande índice de alcoolismo contribuem para a desgregação das famílias, a violência doméstica e o consequente empobrecimento. A falta de políticas públicas e de trabalho leva muitos trabalhadores a viverem de pequenas tarefas (biscates) para a sobrevivência de suas famílias; e outros tantos buscam emprego em grandes cidades”, explica.

### Serviço a todos



GABRIELA SANTOS

Um dos objetivos do Projeto de Evangelização da Arquidiocese é tornar a Igreja verdadeiramente missionária. Padre José Antônio ressalta que uma das características dessa dimensão missionária é o serviço a todos, “especialmente os pobres e sofredores, bem como ouvir os clamores que vêm de quem está longe, nas periferias existenciais e geográficas”. “Quando fala da realidade econômica, citando o papa Francisco, o Projeto lembra que, além da opressão e da exploração, hoje nos inquieta o fenômeno da exclusão. As pessoas que são descartadas e jogadas na periferia da sociedade, como resíduos ou sobras (cf. nº 20). Daí, a necessidade de ser uma ‘Igreja em saída’, que tenha ‘a coragem de alcançar todas as periferias’ (nº 66), e fazer disso uma prioridade, desde a iniciação cristã (cf. nº 81a)”, relata o presbítero.

Para facilitar o estudo e o trabalho da periferia na arquidiocese, a equipe executiva do PAE vai elaborar uma cartilha sobre a pobreza. “O tema pobre, pobreza, acaba gerando muita confusão na cabeça das pessoas. Por isso, queremos uma cartilha simples, objetiva, mas que mostre quem é o pobre, onde está a pobreza na perspectiva sociológica, bíblica e teológica. Lembrando que isso será trabalhado no contexto dos 50 anos de Medellín, da Conferência dos Bis-

pos da América Latina de 1968, que teve a grande opção da Igreja pelos pobres. Então, isso também entra e nos ajuda a meditar o nosso compromisso com os pobres. Essa cartilha pretende indicar pistas de ação que podem ser feitas na perspectiva de combate à pobreza e de acolhida fraterna do pobre, além de ajudar as comunidades a construirmos uma obra social relevante”, explica o coordenador arquidiocesano de pastoral, padre Geraldo Martins.

O padre José Antônio afirma, também, que a ação concreta vai depender de necessidades concretas. “Essas necessidades mudam de acordo com o lugar, o tempo, as circunstâncias. Isso vai exigir de cada paróquia e comunidade um trabalho de ir, conversar, conviver e, sobretudo, ouvir. Ouvir muito, de coração aberto, sem preconceitos e sem pré-juízos. E não ver o pobre apenas como alguém que precisa e tem que receber de nós, mas também como sujeitos, protagonistas, gente que tem muito a oferecer e a nos ensinar. Porque, por trás de qualquer tipo de pobreza há também muita riqueza. E é preciso descobrir o grande potencial que ali está. Uma das mais preciosas ajudas que podemos oferecer a alguém é lhe mostrar do quanto ele é capaz”, finaliza.

Escrever sobre este tema não é fácil para mim. Peço permissão ao (à) leitor (a) para expor uma experiência muito pessoal. Vieram-me à lembrança fatos muito tristes do passado. Posso dizer que nunca passei fome. Ter fome, sabendo que daqui a pouco estará bem saciado, não é passar fome.

Quando criança, vi muitas vezes mães de famílias chegando lá em casa e pedindo à mamãe ora um pedaço de rapadura para adoçar o mingau da criança, ora pedindo um pouquinho de pó de café e um canequinho de gordura de porco. Não posso me lembrar disso sem que meus olhos umedeçam. Nunca entendi esta situação. Lá em casa sempre havia latas de gordura de porco e carne; havia uma caixa com tantas rapaduras, uma lata cheia de café torrado por minha mãe ou minhas irmãs!... Por que estas pessoas não têm? O que esta senhora vai fazer com este tantinho de gordura, um pedaço de rapadura, esta miséria de café?... (Ainda bem que a mamãe era generosa. Graças a Deus!) Acho que aquela cena foi um sinal de Deus, e influenciou na minha vocação: ser padre. Como você leitor (a), eu também penso: e o que tem a ver uma coisa com outra? Mas, naquela época, em minha cabeça de criança inocente, eu pensava que Padre podia tudo, inclusive acabar com a pobreza. Assim como 1º Samuel (cap. 3), eu ainda não conhecia a Palavra Deus: “pobre sempre os teréis entre vós”.

Hoje, moro no Estado mais pobre do País, o Maranhão. Em 1966, José Sarney tinha 36 anos e foi eleito, pela primeira vez, Governador do Maranhão com a promessa de acabar com a fome e o analfabetismo. Mais de 50 anos se passaram. Sua família sempre esteve no poder e a miséria, sobretudo a fome e o analfabetismo, se apossaram do Maranhão. Das cinco cidades mais pobres do Brasil quatro estão no Maranhão, e se chamam: Belágua, Fernando Falcão, Marajá do Sena e Centro do Guilherme. No entanto, quem visitar o Palácio do Governo, em São Luís, verá luxo e sinal de riqueza. Miranda do Norte não faz parte das 4 cidades mais pobres mas, não faz muito tempo, cheguei a uma família de 5 pessoas, às 16 horas e ainda não haviam comido nada. Não são os famintos que me perseguem, vivo atrás dos famintos. E, o pior é que os encontros facilmente. Que pena que esta realidade não tenha ficado lá no passado dos anos 50-60.

Nem a Igreja – aqui simbolizada na pessoa do Padre, nem a política – aqui simbolizada por maus políticos, são capazes de acabar com a pobreza. A Igreja por que não consegue tornar realidade seu grande sonho de ser “uma Igreja casa e escola de comunhão”; uma Igreja “rede de comunidades”, missionária, profética, servidora, em saída ao encontro do mais carente. E os maus políticos, por serem maus e não se importam com o povo, querem apenas o voto. Oxalá o “Ano do Laicato” desperte Leigos e Leigas para uma ação concreta que promova os pobres e os torne protagonistas de “um novo céu e uma nova terra”. Que todos se tornem realmente “sal da terra e luz do mundo”! (Mt 5,13-16)

## Papa se reúne com indígenas da Amazônia

Na visita apostólica ao Peru, o Papa Francisco esteve na cidade de Puerto Maldonado para o encontro com os indígenas. No dia 19 de janeiro, o ginásio Mãe de Deus acolheu cerca de três mil indígenas, entre eles 100 indígenas brasileiros, 45 do Acre e 55 de Porto Velho, em Rondônia.

O encontro foi marcado por testemunhos e um longo discurso do papa, que manifestou a sua preocupação pela ameaça a os povos e o território da Amazônia estão sofrendo. “Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora”, disse, citando os grandes interesses econômicos da indústria extrativista e das monoculturas agro-industriais. Ele também destacou a realidade dos povos indígenas em isolamento voluntário, o tráfico de pessoas, o trabalho escravo, o abuso



VATICAN NEWS

sexual, a violência contra mulheres e adolescentes.

O Papa criticou também “a perversão de certas políticas”, que promovem a conservação da natureza sem ter em conta o ser humano.

“Devemos romper com o paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes”, expôs, antes de sugerir a criação de espaços institucionais de

respeito, reconhecimento e diálogo com os povos nativos. “Estes não são um ‘estorvo’, mas memória viva da missão que Deus nos confiou: cuidar da Casa Comum”, lembrou.

### Igreja na Amazônia

O Papa Francisco comentou a presença da Igreja na Amazônia, enaltecendo o trabalho dos missionários em defender as culturas locais. Ele exortou aos índios a não sucumbir às tentativas em ato para desarraigar a fé católica de seus povos. “A Igreja não é alheia aos seus problemas e à sua vida, não quer ser estranha ao seu modo de viver e de se organizar. Precisamos que os povos indígenas plassem culturalmente as Igrejas locais amazônicas. Com este espírito, convoquei um Sínodo para a Amazônia no ano de 2019”, disse.

Com informações de Vatican News

## CNBB oferece curso online sobre a CF 2018

A editora Edições CNBB disponibilizou no mês de janeiro um curso online e gratuito em preparação para a Campanha da Fraternidade (CF) de 2018. A formação é destinada a padres, diáconos, coordenadores pastorais diocesanos, agentes pastorais e lideranças.

Dividida em oito vídeos, a formação quer oferecer melhor compreensão da essência da proposta da CF 2018 e, de forma prática, dar indicações para aplicação na vida paroquial.

O curso, ministrado pelo secretário executivo de Campanhas da CNBB, padre Luís Fernando da Silva, visa atender a necessidade da CNBB de se comunicar pelas redes sociais. “Nós percebemos que a CF atinge vários públicos com seus materiais, seus subsídios, na sua maioria escritos. Mas se faz necessário atingir o público que está nas mídias, nas redes sociais”, informa, lembrando que o objetivo é divulgar a campanha e multiplicá-la nos vários ambientes para, assim, atin-

gir novas pessoas.

Além dos vídeos, o participante receberá material de apoio para o itinerário do curso que ainda pretende dar dicas práticas para comunicar a mensagem da Campanha e superar a violência nos mais diversos contextos sociais.

“O curso ajuda a mensagem da campanha chegar no coração das pessoas. Não é uma reflexão meramente intelectual, ela convida para uma práxis. Neste ano, cada pessoa é convidada a superar a violência

direta, cultural e também a lutar pela justiça social para superar a violência estrutural que se instaura no Brasil hoje”, conclui o padre.

O link para inscrição no curso está disponível no site [www.cnbb.net.br](http://www.cnbb.net.br) e no QR Code abaixo.



## Dia das Comunicações: alerta sobre "fake news"

No dia 24 de janeiro, memória de São Francisco de Sales, padroeiro da imprensa católica, o Papa Francisco divulgou, por ocasião do 52º Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado no dia 13 de maio, a mensagem com o tema “A verdade vos tornará livres (Jo 8,32). Fake news e jornalismo de paz”.

Na mensagem, o papa vincula o fenômeno das notícias falsas com a “cobiça” e “sede de poder” do ser humano. “Não por causa da lógica de compartilhamento que caracteriza as mídias sociais, mas sim por causa da sua cobiça insaciável que facilmente suscita no ser humano”, escreve. O Papa acrescenta ainda que as “mesmas motivações econômicas e oportunistas da desinfor-



AFP PHOTO / ANDREAS SOLARO

mação têm suas raízes na sede de poder, de ter e de desfrutar”.

Ele destaca a necessidade de “educar para a verdade”, o que significa “ensinar a discernir, a avaliar e ponderar os desejos e as inclina-

ções que se movem dentro de nós”. E adverte que “nenhuma desinformação é inofensiva” e que mesmo uma aparente distorção da verdade pode ter efeitos perigosos. Aos jornalistas, a quem atribui

“um compromisso especial” para evitar a propagação da desinformação, recorda-lhes que “no centro da notícia não estão a velocidade em dá-la e o impacto sobre as audiências, mas sim as pessoas”. E pede na sua mensagem um “jornalismo da paz”, sem entender com essa expressão, um jornalismo “bonzinho” que nega a existência de problemas graves e assuma tons melífluos, mas, pelo contrário, a um “sem fingimentos, hostil às falsidades, a slogans sensacionais e a declarações bombásticas”.

Confira a mensagem completa do Dia Mundial das Comunicações no site da Arquidiocese de Mariana: [www.arqmariana.com.br](http://www.arqmariana.com.br)

Com informações de Vatican News

## Assessoria Pastoral

Hoje, em nossos grupos de pastoral muito se fala de assessoria. Diante das dificuldades que ainda existem na compreensão e até mesmo no exercício desta função, propõe-se essa reflexão não esgotar completamente a compreensão deste termo, mas abrir caminhos para um entendimento melhor do que seja o “assessor” e qual a sua a função no grupo e na comunidade.

Quando falamos de assessor, referimo-nos à pessoa de confiança que ajuda a tomar decisões. Neste sentido, o assessor é a pessoa com um conhecimento específico em determinada área, que dá sua contribuição para aqueles que devem tomar decisões, sejam no campo da pastoral ou da vida da comunidade. Ele mesmo não toma decisões, mas ajuda o grupo a decidir, interagindo e oferecendo o quadro da realidade ou mostrando as possíveis consequências de determinada decisão. “Provavelmente, na terminologia pastoral, o assessor foi a tradução brasileira para os ‘expertos’ que acompanharam os bispos no Concílio Vaticano II”<sup>i</sup>

É preciso considerar que o assessor é também um agente de pastoral, que participa da caminhada da Igreja e oferece sua contribuição a partir do seu conhecimento sobre determinados assuntos. “Assessor é a pessoa perita em determinado campo de conhecimento que presta serviços eventuais ou esporádicos a uma comunidade ou a um conjunto de comunidades. Seus serviços podem ser no campo da reflexão ou formação (teologia, Bíblia, liturgia, análise da realidade, história, sociologia etc.) ou no campo da metodologia (pedagogia, educação de base, espiritualidade, planejamento, arte etc.). Os serviços de assessoria podem ser prestados por leigos, leigos, religiosos, religiosos, diáconos, presbíteros e bispos, desde que dominem bem sua área de conhecimento. Isso não significa que tenham alta escolaridade, pois também é valioso o conhecimento advindo da prática”<sup>ii</sup>

### Para que um assessor?

Em certos grupos, a dependência do assessor (vindo de fora e de preferência famoso) quase virou vício. Há assembleias que, ano após ano, dependem inteiramente do carisma de assessores convidados. Daí uma série de más compreensões a respeito da função de assessoria:

- O assessor é convidado, porque, sem um nome importante, ninguém vem à reunião;
- Ao conseguir o assessor, a equipe de coordenação fica aliviada, porque daí pra frente, tudo fica



GABRIELA SANTOS

por conta dele;

- Não passa pela cabeça das pessoas contar com talentos locais, porque “santo de casa não faz milagre”. Esquecem que são os “santos de casa” que depois vão valorizar o trabalho;

- Muitas vezes, o que o assessor fala não é colocado em prática, porque o nível da assembleia é outro;

- O assessor permite que as pessoas venham despreparadas para uma assembleia. Já que o trabalho fica por conta dele, ninguém sabe por onde ele vai começar;

- Algumas pessoas até gostariam de conduzir um estudo ou um encontro, mas não se oferecem porque ficam intimidadas diante do prestígio do assessor que o grupo sugere;

- O assessor diz coisas sábias e profundas, mas as necessidades e carências do trabalho se situam num nível mais simples.

Isso não quer dizer que o assessor pode ser dispensado. Uma pessoa competente, afinada com as necessidades do grupo e chamada corretamente consegue ser muito útil à caminhada pastoral. Pode abrir horizontes, clarear aspectos que dependem da sua especialização, esclarecer dúvidas, sintetizar conhecimentos que o grupo não teria condições de pesquisar exaustivamente. Ele é uma ponte que coloca a pesquisa acadêmica, sua experiência ampla e seu entusiasmo pelo assunto ao alcance de grupos de menor porte, facilitando o acesso a um certo tipo de saber mais aprofundado.

Portanto, o assessor é aquele que vai oferecer caminhos para o grupo; e pode até mesmo, criar alguns laços ou vínculo e, em alguns momentos, subsidiar o grupo. Porém é “descartável”, não deve criar a dependência no grupo.

### Como escolher um assessor

Antes de se chamar um assessor, explorem-se as potencialidades dos grupos locais. Muitos assuntos podem ser estudados com proveito pelo próprio grupo, em mutirão. Isto é válido, especialmente em temas para os quais já se dispôs de farto material, como acontece, por exemplo, com a Campanha da Fraternidade.<sup>iii</sup>

O assessor se mostra útil, quando o grupo chega a um impasse e reconhece que precisa clarear o caminho num assunto específico. Neste caso, o assessor deve receber todas as informações sobre o que se deseja, as características das pessoas envolvidas, o que já foi feito e o que se pretende fazer a partir do trabalho dele. Um relato por escrito do caminho feito e das questões que o grupo gostaria de esclarecer irá ajudá-lo a se situar e programar uma atuação que corresponda melhor às necessidades.

O assessor não comanda nem coordena o encontro ou assembleia. Ele presta um serviço determinado e limitado, sob a coordenação da equipe local, que deve buscar o máximo de participação do próprio grupo no trabalho.

O assunto tratado não se encerra,

quando o assessor vai embora. Ele oferece alimento para uma reflexão que deve continuar e ter consequências sobre os rumos do trabalho. Além de algum eventual material escrito que o assessor forneça, a equipe deve fazer um registro das principais ideias e pistas apresentadas para serem trabalhadas em atividades posteriores.<sup>iii</sup>

São muitas as reclamações em relação à assessoria. É comum ouvir alguém dizer: “O encontro foi muito animado e o assessor muito bom, mas foi embora e tudo continua do mesmo jeito”. Após cada encontro ou assembleia, os participantes devem recapitular tudo o que foi dito e buscar meios de colocar em prática tudo o que foi discutido. Isso já não é mais função da assessoria. É do próprio grupo pastoral.

### Referências

<sup>i</sup> Pe. Nelito, Pedro Ribeiro, Tereza Cavalcanti. O Papel da assessoria... Revista Vida Pastoral - Maio-Junho de 2010, p. 29-34

<sup>ii</sup> Idem

<sup>iii</sup> Algumas Questões dentro do Processo de Planejamento Pastoral. Texto de Padre Manoel Godoy

### Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

1. Que recursos seu grupo pastoral procura, quando encontra dificuldades para caminhar ou desenvolver determinado trabalho? Procura um assessor ou tenta resolver tudo sozinho?
2. Seu grupo pastoral tem procurado assessores para determinados encontros? O que o grupo faz depois que o assessor “vai embora”?

# Vamos celebrar!

Padre Luiz Cláudio Vieira  
Paróquia do Bom Pastor, Barbacena, MG

## 11 de fevereiro – 6º Domingo do Tempo Comum

A **liturgia da Palavra** ensina que o regulamento do Levítico criado para proteger a saúde, acabou virando motivo de exclusão. No evangelho, a cura do leproso, busca não apenas uma purificação corporal, mas também social e espiritual, manifesta, assim, a “autoridade” de Jesus, seu poder sobre o mau espírito da lepra que exclui pessoas do convívio humano.

O **mistério Celebrado** nos insere na celebração da Páscoa de Cristo, que pode no libertar dos males (“lepras”) que impedem uma convivência feliz na família, na comunidade e na sociedade.

A **Celebração**: 1. Os gestos simbólicos que marcam estes primeiros domingos são a comunidade reunida, a proclamação da Palavra e a ceia do Senhor. Quem chega, deve encontrar: acolhimento pessoal, ação em benefício da fraternidade, da justiça e testemunho de fé. Valorizem neste domingo os sím-

bolos de cura e purificação: óleo, água e sal. 2. Fazer uma acolhida afetuosa especialmente às pessoas que, em geral, são esquecidas e pouco consideradas pela comunidade. 3. Onde for costume, colocar no mural, ou alguém entra com um cartaz com os dizeres: “Não há excluídos no projeto e no Amor de Deus” ou “Combater o poder do mal, expulsá-lo e, assim, libertar o marginalizado”. 4. Quem faz o sentido litúrgico termine lembrando, especialmente dos hansenianos, dos portadores do vírus da AIDS, drogados e todas as pessoas que sofrem qualquer tipo de desprezo, discriminação e exclusão. 5. No ato penitencial, fazer o rito da aspersão da água. 6. O salmo está em sintonia com a reintegração dos excluídos da comunidade. 7. É importante que a homilia ajude a assembleia a identificar os vários tipos de “lepra” dos quais precisa ser purificada para poder se engajar na tarefa

de resgatar tantas pessoas marginalizadas e excluídas de cidadania e de vida humana e digna. 8. Valorizar a dimensão de “Ação de Graças” da Liturgia Eucarística e os gestos que criam comunhão e integram as pessoas: mãos dadas na Oração do Pai-Nosso; abraço da paz; fração do Pão com o canto do “Cordeiro”, expressando que vamos comer juntos, o mesmo pão... 9. No momento dos avisos, lembrar o início da Quaresma e da CF no próximo dia 14/02, quarta-feira de Cinzas. Falar sobre o local e os horários da celebração. 10. Preparar pequenos pacotinhos de sal para serem abençoados e distribuídos na saída, enfatizando a alegria de ser purificado pela Palavra Deus, pela Eucaristia. 10. Terminar a celebração com a bênção da saúde, motivando a assembleia para estender as mãos sobre as pessoas doentes presentes na assembleia.

## 14 de fevereiro – Quarta-feira de cinzas

Com um dia de penitência, renunciando algo em favor de alguém que está privado do bem que, muitas vezes temos de sobra, iniciamos o tempo da quaresma e a preparação próxima para a Santa Páscoa.



BRUNA SUDÁRIO

A **liturgia da Palavra** insiste na autenticidade da penitência, “rasgar o coração e não apenas as vestes” (1ª Lt.), faz um apelo à conversão do coração e, não apenas ao cumprimento de ritos exteriores sem compromisso com a vida. Mostra que as três boas obras, oração, jejum e solidariedade (Ev.), sinais concretos de conversão, deve nos levar a uma busca por coerência com o projeto de Deus.

O **mistério Celebrado** nos convida a abandonar nossos maus costumes, nos despojarmos, sem hipocrisia, das coisas supérfluas e a partilhar nossos bens e nossa vida, particularmente neste ano, com os que sofrem violência.

A **Celebração**: 1. O tempo da Quaresma vai da quarta-feira de cinzas até a missa da Ceia do Senhor.

É Tempo para prepararmos a Celebração da Páscoa (Sacrosanctum Concilium, 109). 2. No Brasil durante a quaresma a CNBB propõe uma ação, denominada Campanha da Fraternidade. Cabe ao CPP envolver a comunidade no estudo e debate, buscando soluções que transformem a realidade sofrida, de acordo com o tema proposto. 3. Preparar o ambiente da celebração mantendo-o despojado para garantir a centralidade do mistério que celebramos. A cor é roxa e, durante este tempo não devemos ornar o altar com flores (excetua-se o 4º domingo Laetare, bem como as solenidades e festas). Cuide-se para que não apenas deixemos de cantar o “glória” e o “aleluia”, mas que, tanto no conteúdo quanto no ritmo e usos dos instrumentos, os cantos sejam uma verdadeira expressão da Quaresma.

se, creia no Evangelho e promova a vida, pois, em Cristo somos todos irmãos. Ao receber as cinzas, em sinal de compromisso, a assembleia seja convidada a fazer uma inclinação diante da cruz. 10. As cinzas que sobrem, ao final da celebração poderão ser levadas aos doentes que não puderam participar da celebração. 12. É muito importante que as comunidades que tenham jovens ou adultos fazendo a preparação do catecumenato, realizem as etapas do Rito de Iniciação Cristã de Adultos (se os eleitos estiverem preparados): São realizados durante a quaresma os ritos de eleição e inscrição do nome, escrutínios, oração sobre os eleitos, preces e exorcismos, podem ser feitas também as Entregas: do Símbolo (o credo) e da oração do Senhor (Pai-Nosso), (cf. RICA, nº. 68-207).

## 18 de fevereiro – 1º Domingo da Quaresma (Tentação de Jesus)

A **liturgia da Palavra** apresenta a tentação de Jesus no deserto e o começo de sua pregação. Ele é o novo Adão, vencedor da serpente. Nos seus 40 dias de deserto, Jesus resume a caminhada do povo de Israel e antecipa também seu próprio caminho de Servo de Javé. Seu chamado à conversão, à fé e à confiança, nos convida a enfrentar todas as formas de tentação que impedem ou ferem a vida, a dignidade e a esperança.

O **mistério Celebrado** nos insere na celebração da Páscoa de Cristo, que chama à conversão e a mudança de vida, renunciando atitudes de ambição e poder. Convertendo-nos ao Evangelho, renovando nosso desejo de seguir, com fidelidade, o caminho de Jesus.

A **Celebração**: 1. Participar da Campanha da Fraternidade é uma maneira concreta de viver nosso compromisso batismal e o espírito de conversão que marca a quaresma. Porém, muito cuidado para não instrumentalizar a celebração litúrgica, para debater o tema da Campanha da Fraternidade, não é este o local do debate, não celebramos um tema, mas o Mistério Pascal de Cristo. Portanto, o CPP procure envolver a comunidade no estudo e debate do tema e as equipes de liturgia estejam atentas para que as ressonâncias do debate estejam presentes nas celebrações. 2. Neste domingo iniciamos nosso grande retiro quaresmal, em prepara-

ção para a Santa Páscoa. A liturgia deste período se inicia com uma grande catequese batismal, e isso mesmo é o sentido da quaresma: preparar-nos ao batismo, que é a participação na reconciliação que o sacrifício de Cristo por nós operou. Com Jesus, vamos para o deserto sendo conduzidos pelo Espírito Santo, pelo Batismo assumimos o compromisso de seguir Jesus Cristo, participar da comunidade e lutar juntos contra o mal. 3. Preparar o ambiente da celebração mantendo-o despojado para garantir a centralidade do mistério que celebramos. Para ajudar a comunidade a fazer memória da proposta da Campanha da Fraternidade, colocar junto à cruz, símbolos, imagens ou fotos ligados à CF. 4. É costume antigo na Igreja, marcar com o sinal da cruz, neste domingo, as pessoas aceitas para receber o batismo na vigília pascal. A comunidade poderá reunir-se diante da cruz, na porta da igreja ou, onde for conveniente, em outro local. Inicia a celebração convidando as pessoas para fazer, na testa, o sinal da cruz com o polegar, acompanhando o gesto com uma frase, como: “O sinal da cruz seja tua força neste tempo de quaresma”. Acompanhando a cruz, toda a comunidade entra em procissão para a igreja, expressando neste gesto simbólico o dinamismo da caminhada quaresmal que se inicia. 5. O ato penitencial poderá levar a comunida-

de a expressar seu desejo de conversão, sobretudo nos aspectos que a Campanha da Fraternidade propõe para a quaresma, inclinado (a) ou de joelho diante da cruz, fazer o ato penitencial. Um símbolo antigo e universal de purificação é o rito do sal e poderá acompanhar este momento. Trazer uma vasilha com sal, quem preside faz a oração da bênção, em seguida, cada pessoa recebe uma pitadinha de sal e, ao colocá-la na boca, faz uma oração pessoal ou, conduzida por quem preside da celebração. 6. Observar os momentos de Silêncio para interiorização, após a proclamação das Leituras, do Salmo e também após a homilia. 7. Quem preside ajude a comunidade a renovar sua aliança com Deus, marcada com o sangue de Cristo e, receber de seu Espírito a força para enfrentar as tentações no dia-a-dia. 8. Cuidar para que a Profissão de fé (“Creio”) seja vivenciada como verdadeira renovação da fé e da adesão ao projeto de Deus. A comunidade eclesial, sustentada pela Palavra que ouviu da boca de Deus, seja sinal de esperança diante de tantas tentações que enfrentamos para lutar pela vida, dignidade e superação da Violência. 9. Onde houver batismo na noite pascal, depois da Profissão de fé, faz-se o Rito do Catecumenato, pelo qual a comunidade acolhe as pessoas que irão receber o batismo.

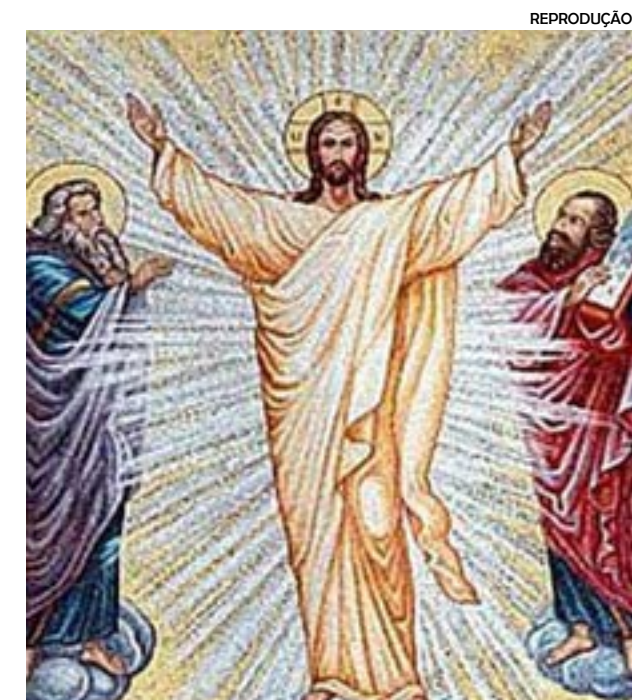
## 25 de fevereiro – 2º Domingo da Quaresma (Transfiguração)

Na **Liturgia da Palavra** somos convidados a subir com Jesus a montanha e, na companhia de três de seus discípulos, vivermos a alegria da comunhão com Ele. Em meio aos conflitos da vida, o Pai nos permite vislumbrar, desde já, sinais da ressurreição e nos dá o mandamento de escutar a Palavra de Jesus, o Filho amado.

O **mistério que celebramos** nos insere no Mistério Pascal de Cristo e nos convoca a subir com Jesus para Jerusalém, onde se realizará a maior prova de amor e se cumprirá plenamente a vontade do Pai.

A **celebração**: 1. É importante tomar consciência de que não celebramos um tema, mas o Mistério Pascal de Cristo. Porém, as ressonâncias das reflexões sobre a CF deverão estar presentes na celebração. A quaresma é um tempo de interiorização e oração sobre o grande Mistério da Salvação. Ser batizado é morrer com Cristo para ressuscitar com Ele para uma vida nova. 2. Preparar o ambiente da celebração mantendo-o despojado para garantir a centralidade do mistério que celebramos. Colocar um pano branco na cruz e onde for possível, projetar sobre ele um foco de luz durante a celebração. 3. Um dos grandes símbolos, que precisa receber especial destaque no espaço celebrativo, nes-

te domingo, é a Palavra de Deus: Enfeitar a Mesa da Palavra (Ambão) e entrar com o Evangelário, ou Lecionário, na procissão de entrada. 4. Dar destaque ao ato penitencial, como preparação à escuta da Palavra. Alguém apresenta o Lecionário aberto à comunidade e quem preside convida a uma revisão de atitudes diante da Palavra de Deus. 5. Preparar e proclamar bem os textos bíblicos. Ritualizar a aclamação ao Evangelho com uma procissão com o Evangelário, preparando a comunidade para ouvir, de coração, as palavras do Pai. Favorecer também, momentos de silêncio, principalmente entre as leituras, após a homilia. 6. Na homilia, além de ligar a Palavra com o momento celebrativo. Hoje, Deus nos permite contemplar a imagem divina de Cristo, o Filho único e amado que não foi poupado, o companheiro de nossas lutas e a quem somos chamados a escutar. Se for oportuno, ligar a Palavra à proposta da CF. No final da homilia, quem preside propõe um gesto de compromisso com a escuta da Palavra, criando um clima adequado à profissão de fé. Sugestão: Estender a mão em direção à mesa da Palavra enquanto se canta o refrão: “Eu vim para (ou quero sempre) escutar. Tua Palavra, tua palavra, tua Palavra de amor!”. 7. Na procissão das oferendas, um senhor e uma criança



REPRODUÇÃO

(simbolizando os personagens Abrão e Isaac), trazem até o altar, os dons do pão e do vinho. Onde for possível, durante a Liturgia Eucarística, convidar as pessoas a se aproximarem do altar, mostrando que a intimidade e confiança em nos entregar ao Senhor, continua em nossa vida. 8. Onde houver batismo de adultos na noite pascal, seguir orientações do Ritual de Iniciação Cristã

## 4 de março – 3º Domingo da Quaresma (Mercadores no Templo)

A **liturgia da Palavra** apresenta Jesus no templo de Jerusalém, para testemunharmos seu gesto profético, cheio de indignação contra os vendilhões do Templo e ouvirmos sua exortação para que nossa prática religiosa seja baseada na justiça.

O **mistério que celebramos** nos insere no Mistério Pascal de Cristo que nos convoca a lutar pela dignidade humana, pela construção da paz e de um mundo sem exclusões e violência. Recebemos dele o anúncio e a proposta de um verdadeiro culto (adoração de Deus) no templo de seu corpo martirizado e glorificado. Hoje este templo é a comunidade eclesial, o corpo vivo de Cristo.

A **celebração**: 1. É importante tomar consciência de que não celebramos um tema, mas o Mistério Pascal de Cristo. Porém, as ressonâncias das reflexões sobre a CF deverão estar presentes na celebração. A quaresma é um tempo de interiorização e oração sobre o grande Mistério da Salvação. 2. Lembrar-

-se que o ativismo pastoral ameaça a presença junto de Deus, condição indispensável para colocar-nos em sintonia com sua maneira de salvar, que é a cruz. Para ajudar a comunidade a fazer memória da proposta da Campanha da Fraternidade, colocar junto à cruz, símbolos, imagens ou fotos ligados à CF. 3. Fazer uma acolhida muito fraterna e pessoal a quem chega para a celebração. 4. Entrada solene da cruz, velas e algum símbolo ligado à Campanha da Fraternidade. 5. Rever a prática religiosa em relação à prática da justiça, como obediência à vontade do Pai. Pode-se também (de forma breve e sem moralismo), apresentar de forma criativa, as consequências do pecado que geram violência e morte e afetam a vida do povo. 6. A primeira leitura poderia ser proclamada de cor e, a cada mandamento entra um (a) jovem com um cartaz, lê a frase e a seguir, seja repetido pela assembleia. 7. A homilia deve fazer a ligação da Palavra com a celebração que se está realizando e o Tem-

po Litúrgico. Cada celebração é ação de graças ao Pai por seu Filho Jesus, no Espírito Santo. Jesus não se apego ciosamente à sua dignidade e nos entregou sua vida, obediente e fiel ao mandamento do Pai. Entrando em comunhão com esse mistério, o Espírito Santo nos torna abertos e disponíveis à vontade do Pai. 8. Concluir as preces dos fiéis com a Oração da Campanha da Fraternidade. 9. Antes da Bênção Final, de forma breve e criativa, o (a) coordenador (a) do CPP, pode falar sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas em prol da Campanha da Fraternidade (todo cuidado para não se tornar mais uma homilia ou discurso moralista). Concluir a fala com o hino da Campanha da Fraternidade. 11. Em atenção ao dia Internacional da Mulher a ser comemorado nesta semana, encontre-se uma forma de a comunidade, nesta celebração, prestar homenagem às mulheres. Bênção final para o Tempo da Quaresma, conforme o Missal, páginas 521, 522, nº 4a.



FOTOS: BRUNA SUDÁRIO

# Vida rural: da simplicidade ao patrimônio

*Museu Latino-Americano de Tecnologia Rural de Santana dos Montes guarda peças que revelam a essência da vida no campo no século XIX e começo do XX*

Bruna Sudário

Emoldurada por belas paisagens naturais, a charmosa cidade do século XVIII, Santana dos Montes, na Região Oeste da Arquidiocese, guarda um incrível acervo rural. Com peças do século XIX e começo do século XX, o Museu Latino-Americano de Tecnologia Rural de Santana dos Montes conserva a história e a marca do povo do campo.

O desejo de montar este museu nasceu com a vontade de um casal em ajudar a preservar o patrimônio e desenvolver o turismo rural da cidade. “Eu e meu marido viemos conhecer Santana dos Montes e percebemos a necessidade de preservação do patrimônio histórico e, também, um potencial turístico que não estava sendo trabalhado. Nisto, nós resolvemos fazer uma palestra e apresentar possibilidades para a comunidade. Aquele foi o início de um trabalho que deu vida ao museu e à Associação dos Amigos de Santana dos Montes (ASM)”, conta a historiadora, Ana Medina.

Dez anos depois do projeto ter começado, a comunidade viu o sonho do museu ganhar forma. “Eu acredito em missão e quando a missão é nossa não tem jeito. Eu e meu marido, que viemos para uma visita, compramos uma casa, montamos uma pousada e, em janeiro de 2008, recebemos um casal de Italianos. O que nós não sabíamos era que este senhor era um colecionador de peças antigas de roça. Ele tinha em torno de 300 peças de nove países da América Latina, que ele foi coletando ao

longo de 25 anos da vida”, relata a historiadora.

Ana Medina conta que quando o senhor disse que as peças estavam guardadas em um depósito e que seu desejo era conseguir expor todas, ela não se conteve. “Neste momento, fui atrevida e perguntei se ele não gostaria de fazer uma parceria e trazer as peças para Santana dos Montes, para o nosso museu. Na hora ele levou um susto, mas ficou de pensar sobre o assunto. Em março de 2008, ele ligou dizendo que aceitava a parceria”, acrescenta.

Um ano depois, o museu foi inaugurado com peças da cidade, de Minas Gerais, do Brasil e de outros países da América Latina. Hoje, o acervo conta com mais de 300 obras que carregam a utilidade de um tempo, a beleza do trabalho artesanal, o mundo rural de agricultura primária, de extrativismo, de tecnologia rudimentar, da construção de coisas da mineração, de alimentos, transportes, de uma vida marcada pela simplicidade e pela utilização dos recursos disponíveis.

“Embora o museu tenha a maior parte das peças de outros países, as pessoas que vêm aqui conseguem ver a essência da vida rural. E é muito interessante ver e pensar porquê essas peças foram fabricadas. As pessoas tinham problemas no seu dia a dia que precisavam ser resolvidos e elas se utilizavam do que estava disponível na vida rural, como a madeira, o ferro, para fabricar máquinas e solucionar os seus problemas. E é muito curioso pensar que, mesmo tudo isso sendo feito em países diferentes, existe uma semelhança. As soluções

finais eram parecidas, mesmos as pessoas nunca tendo se encontrado”, ressalta Ana.

A maioria das peças presentes no museu foi cedida em comodato, por 15 anos, com previsão de renovação. Outras foram doadas ou adquiridas. Segundo a historiadora, eles sempre pensam em campanhas de doação de peças. “Nossa proposta é que a comunidade, principalmente de Santana dos Montes, possa, também, ceder as peças em comodato, enriquecendo ainda mais o museu”, acrescenta.

Atualmente o museu é mantido pela Associação dos Amigos de Santana dos Montes (ASM), em parceria com a prefeitura. Doações, ingressos e realização de eventos também ajudam a manter o espaço, que faz parte da Rede Nacional de Museus e está registrado no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

“Nosso museu é todo regulamentado. Todos os anos o IBRAM lança dois eventos ao ano, que são ligados à eventos internacionais de museus, como a Semana de Museus, em maio, e a primavera de museus, em setembro, e nós realizamos todos estes eventos aqui. Essas atividades semestrais envolvem a comunidade, alunos, professores e turistas”, relata Ana.

Aberto para visitas aos sábados, das 9h às 17h, e aos domingos de 9h às 15h. O Museu Latino-Americano de Tecnologia Rural de Santana dos Montes fica localizado na Rua José Teixeira de Araújo, 40, Centro, em frente a prefeitura. Os ingressos para visitas custam R\$5,00.

GISELE ROCHA

